

ELIANA SCHUELER

DE DÁ DÓ

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

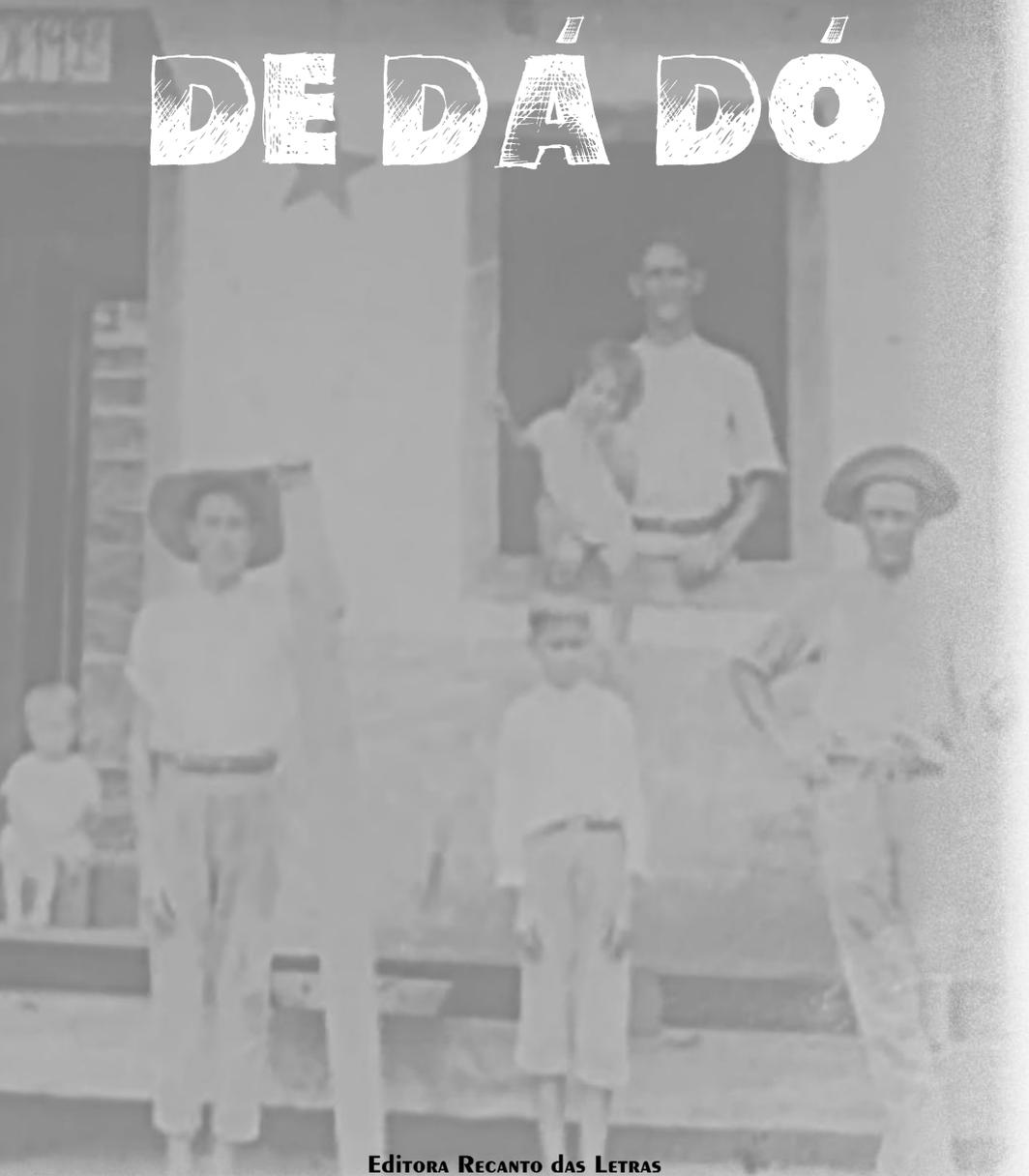
ELIANA SCHUELER

DE DÁ DÓ



ELIANA SCHUELER

DE DÁ DÓ



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Eliana Schueler

Editora Executiva: **Cássia Oliveira**

Projeto gráfico: **Estúdio Caverna**

Impressão: **Forma Certa**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANDREIA DE ALMEIDA CRB-8/7889

Schueler, Eliana

De dá dó / Eliana Schueler ; revisão de Lucia Armenio Leal. — Sorocaba :
Recanto das Letras, 2018.

88 p.

ISBN 978-85-69943-89-1

1. Crônicas brasileiras 2. Contos brasileiros I. Título II. Leal, Lucia Armenio

18-1372

CDD B869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas brasileiras

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

www.recantodasletras.com.br/editora

editora@recantodasletras.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da autora.

À Fernanda, minha “cumadi”.

“Não te aflijas com a pétala que voa:
também é ser, deixar de ser assim.
Rosas verás, só de cinzas franzida,
mortas, intactas pelo teu jardim.
Eu deixo aroma até nos meus espinhos
ao longe, o vento vai falando de mim.
E por perder-me é que vão me lembrando,
por desfolhar-me é que não tenho fim.”

4º Motivo da rosa Cecilia Meirelles

ÍNDICE

CACO DE VIDRO	11
PAIXÃO, COMIGO MAIS NÃO, VIOLÃO!	15
NEM TUDO É O QUE PARECE	18
NÃO DÁ, MAS TEM QUE CONFORMAR.....	22
GENÉSIO	27
DOR DE AMOR	31
DONA CARLOTA	35
CORAÇÃO DE CACTUS.....	39
DE DÁ DÓ.....	42
DIGA SE POSSO SER MAIS FELIZ.....	47
AJOELHOU, TEM QUE REZAR	50
A VERDADE DA VERDADE.....	54
ROSÁRIO	57
O INCÊNDIO.....	63
DOR DE FILHO.....	67
DA COZINHA PRO SONHO OU VIVE-VERSA.....	71

UM DIA FELIZ	74
HOMEM NÃO SE DISCUTE (CARTA).....	76
LUZEIRO	80
AMARELINHO	84

CACO DE VIDRO

Ih, mas isso é uma história um bocado de espi-chada! Se sua impaciência de saber tá aí cutucando, eu conto. Pois que eu era menina ainda, num sabe, de trança, vergonha, medo. Que nem qualquer outra menina que mais antigamente carregava essas coisas nos olhos e, nos ombros, um bernal cheinho de pensar nada. Lembro de minha mãe rezingando com meu pai que já estava na hora de fazer a comunhão. Isso porque o padre não largava ninguém se esquecer dos maus feitos pela tentação, que cada dia chegava mais perto de nós. Isso, dito por ele.

Eu não atinava bem o que podia ser tão ruim, mas se ele falava não deveria de ser mentira, né mesmo? Eu desassossegava nas noites de missa, por conta da tentação que o vigário lá pregava na ponta da nossa língua, pra num esquecer nunca, num sabe? Às vezes fazia tanta força para fechar os olhos que meu corpo até tremia — pra não ver as taizinhas — e rezava o Pai Nosso virada de medo do perverso que tinha chifre e rabo. Parecia que quanto mais a gente requeria para esquecer, o coisa ruim mais obstinava em comparecer. E foi por conta disso que fui fazer os estudos para a comunhão.

E então foi que eu conheci o padre Luiz, que me deu esse retrato do Menino Jesus. Se esse Menino aqui tivesse vida, já tinha se formado homem e morrido na

cruz, né mesmo? Pois que foi isso o que já tinha acontecido antes do padre me presentear. Mas Ele continuou Menino, aqui e na minha cabeça, enquanto eu crescia com as tentações tudo por perto. Virei mulher, pari filho morto, enviuei e Ele não cresceu.

Apeguei demais da conta a Esse Menino! E fico olhando pros olhos Dele quando a luz do mundo me cega, num sabe? E eu sinto que a vida num tem tempo não. Sinto ela latejar no meu sangue que nem semente debaixo da terra adiante da quentura do dia e do frescor da noite, pulsando pra arrebentar as cascas velhas. E a força da natureza que eu carrego explode, mas sem sair um tiquinho do lugar. Fico cheia, apaziguada, sem fome, sem precisão de nadinha desse mundo. Fico fantasiando um cume de montanha e na lonjura dela, e eu deitada sobre o silêncio de um céu cheio de quietação a acalantar meu coração de gente. Olha essa menina, mas nada paga e nem compra esse lugar de onde eu quase num saio.

Já teve gente que estranhou esse modo meu. Estranha, ainda. Tira da cabeça oca que isso é um retrato e que Deus não tem feição. Que Deus num é papel. E eu digo que Deus é Tudo. E mais que eu olho assim nos verdes dos pastos, no vento balangando as folhas das bananeiras do quintal, na carambola em flor... Eita! Mais que eu vejo o Menino a correr por aí, despejando doçura e chamando — vem! E eu que vivo nesse canto do mundo que nem um caco de vidro inumado num campo baldio, mas é que eu vou! E corro é pros braços

Dele! Ele é menino, mas eu que sou filha, num sabe? Ele é Menino, mas Ele é que sabe. Eu num pergunto nadinha! Ele é menino, mas é Ele que é dono. Eu tenho é nada, muito mal esses pés que vivem no chão. E se quer saber, também nem ligo para o que falam não. Emudeço, mas fico rindo com Ele, lá por dentro.

Teve um dia que disseram que era falta de respeito ter intimidade com Deus. E nesse dia eu fiquei foi matutando na minha cabeça. Mas aquilo foi pior que uma tocaia. Pior que um talho no pé, que um golpe bem dado pra botar alguém no chão. E eu fui mesmo pro chão. Levei foi com um moirão na cabeça. Fiquei velha de repente, pesada, de pecado até a alma. Doente. Fiquei doente só de pensar em magoar meu Menino, que é a última coisa que eu havera de querer nesse mundo.

De repente senti aquela rachadura na vida. E era verdade. Quem era eu? Me aferrei numa tristeza que só. Eu, caco de vidro, machuquei foi Deus. Misericórdia! Um medo me garroteou e eu mais parecia era um boi indo pro matadouro. Perdi foi a conhecimento de minha força. Pois é, pois que minha força morava era no Menino. Naquele ali, que eu conheci quando fui fazer a comunhão. Mas a rachadura era grande demais: Ele no Céu e eu aqui na Terra. Quer dizer que tinha era um sertão de pedra, inteiro, de separação. Eu entendia, mas doía era demais!

Foi que um dia, cansada de sangramento, eu pedi perdão. Olhei bem nos olhinhos Dele, bem lá no fundo e pedi. Disse que eu estava era gente demais, num sabe?

E eu carecia mesmo era de me desfazer e ser qualquer coisa que fosse mais vaporosa para ficar mais perto. Como que eu ia vencer um sertão inteiro de pedra? Falei é que eu gostava demais de saber que Ele estava ali comigo e eu com Ele e fui pensando, matutando, e eu, que num sou pessoa letrada, comecei a atinar que algumas pessoas embaralhavam era as palavras. Falavam coisas que fazia era a gente espantar Deus de mais perto, num sabe? Olha, que mais uma vez o Menino me fez enxergar pra mais longe da capoeira.

Depois desse dia, eu falo pra você: eu é que nunca mais vou largar Dele. Ele me entende e lê minha inocência, minha dor, minhas coisas boas e minhas coisas ruins. As que prestam e as que não prestam. E só ele sabe a gente que sou. Ele me ensina, me faz companhia e vou dizer, o amor de Deus tem a delicadeza de um canarinho-da-terra, pra num machucar os filhos. Mas tem a sabedoria da coruja, que enxerga o espírito da noite. Isso, eu digo aqui, né, que é pra poder trançar uma ideia. E eu, nunquinha que eu largo desse Menino! Bobo é quem num acredita!

PAIXÃO, COMIGO MAIS NÃO, VIOLÃO!

Mas, então, faz que nem comadre Rosinha. Conselho é aquela história, né, mais antiga que eu: se fosse bom ninguém dava, vendia. Mas eu me apeteço bem dessas façanhas de mulher de pejo. E comadre Rosinha, foi! Foi até mais do que isso, no recato da vida e do casamento.

Levava ela aquela vidinha, num sabe? Apertadinha, de nó de marinheiro, gravata de tamanduá, tomadinha, tomadinha que sempre foi pelo compadre Alvino. Ele bonachão: “Mulher minha não trabalha fora! Mulher minha não frequenta rua!” Mulher minha e mulher minha, mas debaixo do teto tudo espremido pra sobrar pras outras. Todo mundo via, menos ela. Assim ó, fininha que nem palito, com as roupas que, se soltasse, andavam sozinhas pela cidade. Por causa de sujeira não, que ela era a mulher mais caprichosa que já vi, mas por causa do costume do corpo. Era sempre a mesma roupa. De missa e de armazém. Tudo contadinho: pão, remédio, carne. Roupa não carecia não. Tudinho dentro do cumprimento das obrigações com o compadre. Tudo ali, na risca. Tudo sempre arrumadinho! As doses certinhas, os lados tudo do mesmo jeito, medidinho! Parecia até que ela contava os grãos de arroz, do feijão,

“ Já dormi de bunda rosa, por conta de que meu pai chegava bêbado e zangado em casa. Já dormi de medo, por causa do fogo-fátuo que acompanhou minha tia uns três quilômetros estrada afora. Já dormi de cabeça cheia por conta das maledicências de gente. Já dormi com dor e de dor. Agora? Vou dormir mais é nada! Vou ficar é aqui na minha janela, quem sabe lá na varanda dos fundos do quintal, chupando essa vida que nem pirulito: uma lambida por vez, que é pra demorar bastante pra acabar... ”

(de “Nem tudo é o que parece”)

